

Diário de Moscou



Por **AFRÂNIO CATANI***

Comentário sobre o livro de Walter Benjamin

“Cheguei no dia 6 de dezembro. No trem, memorizei o nome e o endereço de um hotel para o caso de ninguém estar me esperando na estação. (Na fronteira, fizeram com que eu pagasse a diferença de preço e viajasse na primeira classe, sob a alegação de que não havia mais lugar na segunda). Fiquei aliviado por ninguém me ter visto descer do vagão-leito...”. Assim tem início o *Diário de Moscou* de Walter Benjamin (1892-1940), e que cobre sua visita à capital russa, realizada no período compreendido entre 6 de dezembro de 1926 e 1º de fevereiro de 1927).

Três motivos o levaram a Moscou: seu amor a Asja Lacis (1891-1979), atriz e diretora de teatro letã, uma mulher de influência definitiva sobre ele e a primeira a passar-lhe informações sobre o teatro e a política cultural soviética. Em segundo lugar, sua incerteza em filiar-se ao Partido Comunista Alemão, uma vez que estava pensando nessa possibilidade há mais de dois anos. Finalmente, contribuiu também a consideração de compromissos literários assumidos antes da viagem, para escrever sobre Moscou na revista *Die Kreatur* (*A Criatura*), de Martin Buber, tendo inclusive recebido um adiantamento, o que lhe ajudou a financiar sua estada.

Publicado originalmente em 1980, com prefácio de Gershom Scholem (1897-1982), *Diário de Moscou* foi editado por Gary Smith (que também foi o autor das 142 notas do texto), que teve muito trabalho para decifrar a minúscula caligrafia de Benjamin, comprimida ao longo das 56 páginas do manuscrito. Além disso, um outro fator que dificultou a publicação foi, com certeza, o fato de Asja Lacis ainda estar viva. A presente edição tem ainda um apêndice, contendo uma carta de A. Lunacharsky aos editores da *Grande Enciclopédia Soviética* com um parecer negativo do artigo de Benjamin sobre Goethe.

Diário de Moscou registra, em suas notas, que Benjamin e Asja (uma “militante revolucionária russa de Riga”) se conheceram em Capri, em 1924. A paixão de Benjamin por ela foi instantânea, mas o romance sempre foi conturbado, pois ela tinha uma filha pequena (Dega) e mantinha uma relação amorosa com Bernhard Reich (1880-1972), dramaturgo, diretor e crítico de teatro. Benjamin estava casado com Dora Sophie Pollak Benjamin (1890-1964) – ficou casado de 1917 a 1930 – e tinha um menino, Stefan (1919-1972). Em 1925, visitou-a em Riga, onde ela dirigia um teatro de agitação e propaganda ilegal. Posteriormente, Asja residiu em Berlim (1928-1930), tendo vivido com Benjamin cerca de dois meses. Em 1928, dedicou a ela seu livro *Rua de Mão Única*: “Esta rua chama-se a Asja Lacis, em homenagem àquela que, na qualidade de engenheiro, abriu-a no autor”.

Quando Benjamin chega a Moscou, Asja estava internada em um sanatório, sem que ele faça menção à natureza exata de sua enfermidade – sim, porque ela sai o tempo todo, passeia, vai a teatros, frequenta jantares e, de vez em quando, dispensa seu pretendente. Reich, amigo de Benjamin desde 1924 – haviam escrito juntos, em 1925, um artigo sobre teatro –, é seu companheiro de andanças no inverno moscovita: cabe a ele aplinar os caminhos do visitante berlinense, servir-lhe de intérprete, apresentar pessoas.

Depois de algum tempo, devido à crise de habitação, que em Moscou assumia proporções alarmantes, passa a dormir no quarto de hotel de Benjamin. Aqui e ali, ao longo do diário, essa situação no mínimo constrangedora se faz presente: ambos falam sobre política, teatro, cinema, literatura, arquitetura etc., mas não tocam na questão fundamental que os opunha,

qual seja, a disputa por Asja. Em determinada passagem do diário Benjamin escreve, sintomaticamente: “esta noite Reich dormiu em meu quarto. Meu cabelo fica muito elétrico aqui”.

O otimismo inicial de Benjamin vai, aos poucos, sendo substituído por uma progressiva desilusão. Desilusão em relação ao aburguesamento da sociedade soviética e, também, em relação à virada reacionária do partido em assuntos culturais. Acrescente-se a isso o tratamento cínico e humilhante que Asja lhe dispensa. Assim, seu fracasso é triplo: pessoalmente, porque sua relação afetiva com Asja chega a um impasse; politicamente, porque reconhece ser impossível uma filiação político-partidária, uma vez que se assusta com a maneira pela qual a “independência particular” era suprimida em nome da orientação geral do Partido (Comunista); artisticamente, porque compreende – em especial através da rejeição de seu artigo sobre Goethe, escrito para a *Grande Enciclopédia Soviética* – que escrever de maneira intensiva e submetido à uma extensiva regulamentação, “não pode produzir nada além do que verborragia sociológica”.

Considerado o trabalho mais pessoal de Benjamin, o *Diário* nos é apresentado “totalmente sem censura – o que significa, principalmente, intocado por sua própria autocensura” (Cf. prefácio de Gershom Scholem). Num momento em que o desespero beira o insuportável, escreve: “para mim, Moscou é agora uma fortaleza; o clima rigoroso (...), o desconhecimento da língua, a presença de Reich, as condições de vida bastante limitadas de Asja”. Mas no *Diário* há considerações de várias ordens, tais como a precária situação política soviética; o contexto cultural; o estilo pequeno-burguês das decorações; suas inúmeras idas aos teatros, cinemas, museus e exposições; as conversas improdutivas com os intelectuais de Moscou; os restaurantes, cafés, confeitarias e cervejarias; os burocratas da era NEP (Nova Política Econômica); os mascates e os vendedores ambulantes; os livros infantis e os antigos cartões postais; suas inúmeras compras de brinquedos de madeira, casinhas e bichos de papel etc.

Através desse *Diário de Moscou* é possível penetrar, ainda que de maneira sutil, no íntimo do Benjamin. Afetivamente, estava em frangalhos e, diante de uma inesperada oferta de carinho da parte de Asja, escreve: “Sentia-me como um vaso de gargalo estreito no qual se despeja líquido de um balde. Havia, aos poucos, voluntariamente me fechado tanto que me tornei pouco receptivo à força das impressões externas” (18 de janeiro de 1927).

Afrânio Catani é professor aposentado da USP e professor visitante na UFF. Autor, entre outros livros, de *A sombra da outra (Panorama)*.

Este artigo é uma versão, com algumas alterações, da resenha publicada no extinto “Caderno de Sábado” do *Jornal da Tarde* de 07/10/1989.

Referência

Walter Benjamin. *Diário de Moscou*. Tradução: Hildegard Herbold). São Paulo, Companhia das Letras.